

NOTA DOS EDITORES

É com satisfação que apresentamos o número 58.2 da Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Nesta edição, referente ao segundo quadrimestre de 2026, publicamos dois dossiês temáticos, oito artigos do fluxo contínuo, um artigo na seção Olhares Cruzados e uma resenha.

Iniciamos o número com o dossiê “Antropologia das ‘rachaduras sociais’: ganhar a vida e fazer sociedade no mundo polarizado e cismático”, organizado pelos professores Mariano Perelman (Universidade de Buenos Aires, Argentina) e Fábio Reis Mota (Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro). O dossiê apresenta artigos resultantes de pesquisas etnográficas sobre os modos como polarizações, divisões sociais e cismas são produzidos nas interações sociais em diversos contextos contemporâneos. Os seis artigos reunidos apontam para a complexidade desses processos na produção de formas de pertencimento, de fronteiras morais, de critérios de legitimidade e de projetos de futuro nas dinâmicas da vida social. Em termos institucionais, o dossiê buscou aprofundar uma agenda de pesquisas que vem sendo conduzida por pesquisadores do Brasil, da Argentina, da França, de Portugal, dentre outros, articulados a partir do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC) da Universidade Federal Fluminense.

Já o segundo dossiê, “Patrimônios em disputa: agendas, agentes e agenciamentos patrimoniais”, organizado pelos professores Thiago Barcelos Soliva (Universidade Federal do Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais), Patrícia Lânes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e Milton Ribeiro (Universidade do Estado do Pará), objetiva promover uma reflexão antropológica sobre “patrimônios insurgentes e incômodos, contramemórias e memórias sensíveis”. Através de abordagens etnográficas, os seis artigos reunidos contribuem para o debate sobre patrimônio e memória como elementos imbricados em disputas políticas e em lutas por reconhecimento de direitos e cidadania no Brasil contemporâneo.

Em seguida, na seção **Artigos**, publicamos oito textos oriundos das submissões ao fluxo contínuo da Antropolítica. De temática livre, a seção privilegia artigos resultados de pesquisas no âmbito da Antropologia e de outros domínios das Ciências Sociais. Abrindo este conjunto de textos, temos o artigo “Violência no futebol: uma comparação entre os bondes de pista e as torcidas organizadas”, de autoria de Fábio Henrique França Rezende (UNICAMP), Silvio Ricardo da Silva (UFOP) e Felipe Tavares Paes Lopes (UNICAMP). A proposta é uma análise comparada da atuação de torcidas organizadas de futebol e dos bondes de pista em contextos

de brigas entre torcedores, demonstrando suas lógicas internas, códigos morais e formas de conduta em relação aos confrontos diretos.

No segundo artigo, “Silêncios, táticas e recusas: a gestão de psicofármacos no interior de um manicômio judiciário”, a autora Sara Antunes (UNICAMP) discute “práticas cotidianas de medicamentação compulsória e a reação dos internos” em um manicômio judiciário no estado de São Paulo, refletindo a partir da legislação existente no âmbito da Reforma Psiquiátrica, de 2001. Na sequência, o artigo “Além do colapso moral: uma análise antropológica das narrativas de mulheres estadunidenses portadoras de mutação no gene BRCA1”, de Guilherme Antônio Carneiro de Sant’Ana (UFRGS), em que o autor analisa, a partir da noção de colapso moral, as narrativas públicas de adoecimento da atriz Angelina Jolie e da pesquisadora Elise Long. O argumento é que dimensões subjetivas e institucionais articulam-se na formação da pessoa moral nas narrativas estudadas.

Ainda em diálogo com os temas de saúde e medicalização, temos o quarto artigo, “Tráfico de testosterona e o vício na performance: a produção da masculinidade a partir do uso ilegal de hormônios bioidênticos”, de autoria de Tiago Sales de Lima Figueiredo (MN/UFRJ). Através de etnografia digital, o artigo problematiza a construção de masculinidades via experiências e narrativas de homens em redes sociais que se utilizam de testosterona sem prescrição médica.

Voltando ao campo de estudos sobre futebol e torcidas, o quinto artigo, “Rivalidades, dom e consumo: apontamentos para uma economia das emoções agonísticas torcedoras contemporâneas”, de Luiz Henrique de Toledo (UFScar), sugere a expansão da noção maussina de dom no entendimento do futebol, argumentando que jogar e torcer são “experiências coimplicadas”. O artigo seguinte, de Sthefanye Silva Paz (UFRJ), discute a centralidade do campo religioso como elemento estruturante do carnaval no Rio de Janeiro. Através de pesquisa etnográfica em duas escolas de samba, a autora argumenta em “Enredos, religiosidade e construções simbólicas no carnaval carioca de 2024” que a religiosidade afro-brasileira fornece sentidos para “influenciar narrativas e moldar interpretações sobre o resultado dos desfiles”.

Já o sétimo artigo, de Alberto Agustin Villarreal (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina), intitula-se “La crisis carcelaria en Córdoba (Argentina): entre la gestión estatal y el reclamo familiar”. O autor analisa como o Estado configurou seus modos de gestão penitenciária em um contexto de crise e de demandas sociais, argumentando que, neste processo, aprofundaram-se as desigualdades e violências que afetam as mulheres encarceradas e suas famílias. Finalizando a seção de fluxo contínuo, o oitavo artigo “Sobre ‘patronagem’ entre as/os Xukuru-Kariri em Taquarana (agreste, Alagoas)”, de Wemerson Ferreira da Silva (MN/UFRJ). O autor, ao revisitar materiais de pesquisa etnográfica produzidos entre 2014 e 2015, apresenta “uma reflexão sobre o ‘fenômeno’ da patronagem, entre indígenas e não indígenas, que habitam o agreste alagoano”.

Na seção **Olhares Cruzados** trazemos o artigo “Evasão: fugas de prisão e o impasse do encarceramento no Rio de Janeiro”, de David Christopher Thompson (Simon Fraser University, Canadá). Esta publicação é uma tradução de *Evasion: Prison Escapes and the Predicament of Incarceration in Rio de Janeiro*, publicado originalmente em 2023 pela revista *Cultural Anthropology*, v. 38, n. 1, p. 36-59. Com base na pesquisa de campo realizada pelo autor no sistema penal do Rio de Janeiro entre os anos de 2016 e 2018, a proposta do artigo é refletir sobre a evasão, status jurídico atribuído a quem foge da custódia das penitenciárias cariocas, e o seu lugar no projeto brasileiro de encarceramento.

Encerrando o número, na seção **Resenhas**, publicamos “Sob a sombra do ancestral: colonialismo, capitalismo e a crise do presente”, de Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos (IFPB), uma resenha do livro *Catástrofe ancestral: e existências no liberalismo tardio* (2024), de Elizabeth Povinelli. O livro, na perspectiva de Vasconcelos, traz contribuições antropológicas valiosas para a compreensão das crises globais, tendo como fio condutor o conceito de catástrofe ancestral para a reflexão a respeito das violências que persistem sobre os modos de existência contemporâneos.

As capas desta edição correspondem aos dossiês temáticos aqui publicados. *The Garden of Earthly Delights*, de Hieronymus Bosch, século XVI, ilustra o primeiro dossiê, “Antropologia das ‘rachaduras sociais’: formas de fazer sociedade em tempos de polarização extrema”, organizado por Fabio Reis Mota e Mariano Perelman. Segundo os organizadores, a escolha do Jardim das Delícias relaciona-se diretamente com a proposta do dossiê, por, num primeiro olhar, o painel central do Jardim das Delícias parece uma proliferação desordenada de personagens, gestos e acontecimentos desconexos. Contudo, a persistência do olhar revela que a força da obra não reside no caos, mas na coexistência de múltiplas cenas cujas relações não são imediatamente evidentes. No entanto, quanto mais o observador prolonga seu olhar, mais percebe que o aparente caos é, na verdade, uma complexa arquitetura de dinâmicas de relações, na qual cada detalhe encontra sentido apenas em conexão com os demais. O mesmo ocorre com as rachaduras sociais, pois são compostas por uma infinidade de pequenas classificações, julgamentos morais, afetos, rumores, cismas, algoritmos, instituições e experiências cotidianas que, articuladas, produzem paisagens sociais fragmentadas. A etnografia, nesse sentido, aproxima-se do olhar do observador diante da pintura de Bosch: seu trabalho consiste em percorrer pacientemente suas múltiplas cenas, revelando como aquilo que parece desordem possui uma lógica própria de composição. As rachaduras não são apenas fissuras, afinal são igualmente composições instáveis de relações e experiências cotidianas, organizando modos de ver, sentir e habitar o mundo.

Para o segundo dossiê, “Patrimônios em disputa: agendas, agentes e agenciamentos patrimoniais”, organizado por Thiago Barcelos Soliva, Patrícia Lânes Araújo de Souza, Milton

Ribeiro da Silva Filho, temos as imagens, registradas entre 2022 e 2023, por Felipe Bandeira Netto no Círio de Nazaré. O dossiê apresenta um artigo sobre o Círio de Nazaré, com ênfase nas relações entre corpo e performance nas festas e rituais. De acordo com os organizadores, em 2004, essa manifestação cultural foi o primeiro bem cultural paraense registrado no Livro de Celebrações como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 2013, foi considerado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Produzida durante o Círio de Nossa Senhora de Nazaré de 2022, em Belém do Pará, a imagem retrata a multidão que acompanha a berlinda da santa pelas ruas da cidade no segundo domingo de outubro. As mãos erguidas que atravessam a fotografia evocam o movimento das marolas dos grandes rios amazônicos, pequenas ondulações formadas pelo vento sobre a superfície da água, compondo um fluxo coletivo que conduz simbolicamente Nossa Senhora até a Basílica de Nazaré. A fumaça que atravessa a cena também remete às paisagens ribeirinhas amazônicas, especialmente às memórias das manhãs de neblina ele paira como fumaça sobre a lâmina de água calma do rio. E nesse mar de gente que inunda Belém, fé, corpo, cidade e paisagem se entrelaçam como parte de uma experiência compartilhada da vida paraense. Outra imagem, produzida em 2023 durante o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, busca evidenciar as linhas visíveis e invisíveis que constituem a experiência coletiva da fé. As fitas de papel lançadas sobre a berlinda atravessam a cena como fios simbólicos que conectam Nossa Senhora aos milhares de devotos que acompanham a procissão, tornando visível uma ligação afetiva, espiritual e cultural compartilhada entre a santa, a cidade e aqueles que caminham junto dela. Cercada pelas mangueiras que formam os túneis verdes das ruas centrais de Belém, a multidão se transforma em um grande fluxo humano que atravessa a cidade, como as águas que percorrem os igapós e furos dos rios que banham nossas cidades. Nesse movimento, a berlinda parece deslizar suavemente por esse “rio de gente” em meio à floresta urbana, memória, pertencimento e devoção.

Continuamos a receber submissões de artigos em fluxo contínuo na área das Ciências Sociais, em especial no campo da Antropologia, no endereço <https://periodicos.uff.br/antropolitica>, onde podem ser encontradas as normas de publicação e outras informações. Mantemos o nosso e-mail (antropoliticauff@gmail.com) para eventual contato. Acompanhem nossas notícias e nos sigam nas redes sociais! Facebook (Antropolítica), Instagram (@antropoliticauff) e no Twitter (@RAntropolitica).

Boa leitura!